

Estamos todos descansados, ouvimos os discursos do Sr. Presidente da Câmara, o PSD diz-nos que Esposende, não podia estar melhor, hoje nesta Assembleia Municipal, a preocupação do PSD foi o Hospital de Almada, Bruxelas, etc.

Há questões muito importantes a tratar nesta Assembleia, mas reservarei a posição do PS para a discussão desses assuntos no período da ordem do dia.

Assim, resolvi dedicar esta intervenção a outro território.

Na verdade, existe um território de forma rectangular, à beira mar plantado, com um regime monárquico, dominado há muito pela casa de Orange, não a holandesa, uma outra.

A Casa de Orange, no início da sua dinastia, conseguiu que Cúpido mandasse uma seta ao coração da maioria dos súbditos daquele principado, e o êxito foi tal que os interessados ficaram enfeitiçados de tanto amor.

Na ilustre linhagem desse Principado sucedeu o “Benjamim” da família.

O Príncipe foi entronizado pela maior aclamação da Casa de Orange, e encheu-se- de júbilo, afinal ele era o maior de todos!

Sua Majestade adora o “beija-mão” dos seus súbditos. É o Benjamão”!

Vai a todos os Arraiais! Não deixa lápide por descerrar, nem pedra por colocar, tudo devidamente reportado pelos cronistas e trombeteiros do principado.

O Príncipe tem um grupo de AíOs, que muda quando se cansa deles, embora lhe dê sempre um título, não saem de mãos a abanar. Mas, como não podem ter iniciativa, há quem lhes chame a “entusiástica maioria silenciosa”.

De quem o Soberano não gostar vai para o degredo, e os serviços que não caíam nas suas graças vão para as catacumbas, mas também não pára de admitir serviços no palácio, e compra quase tudo fora, e paga bem!

Nas audiências públicas, ninguém pode importunar Sua Alteza, pois intervém logo o Intendente do Principado, que retira a palavra e ameaça chamar os guardas.

Seguidor do Iluminismo o Príncipe visitou várias cidades da Europa, e não só.

Ficou encanté com Paris, principalmente com a “Ilha de França”, situada na capital.

Então chegou ao seu território e disse aos seus vassalOs, precisamos de uma ilha na nossa capital!

(E para melhor ficarem inteirados do que aconteceu, vou relatar-vos um diálogo que um dos vassalOs me assegurou ser verdadeiro:)

Mas como será isso Nosso Senhor se a nossa capital apenas tem rio e mar e encontra-se totalmente ligada a terra?

O Príncipe não se impressionou e disse-lhes logo, escava-se um riozinho na parte que nos liga a terra.

O meu nome vai ficar para sempre na história deste principado. Eu quero ter uma ilha na nossa capital como tem Paris!

Mas, uns “velhos do Restelo” diziam-lhe:

Nós nunca vamos ser como Paris, Nosso Senhor.

Paris tem o Centro Pompidou!

Mas nós temos o Centro Porfiriú!

Respondia o Senhor. E os aborrecidos continuavam:

mas na Ilha de França tem a Notre Dame de Paris!

E nós temos a Notre Dame de la Santé!

Respondia o Príncipe. Até que desesperados, os cétricos disseram:

Ó Nosso Senhor, como é que vai abrir um riacho para fazer uma ilha, se para isso tem de cortar as estradas já existentes; vai fazer pontes? Como vai passar a água de um lado para o outro?

Não! A resposta é Genebra!

A bebida? Perguntaram os esbugalhados cétricos.

Não! Ignorantes, nem parecem estar numa capital inteligente e preditiva.

Vou mandar fazer repuxos! Como tem na cidade de Genebra, na Suíça.

Mas isso manda a água para o ar, não a manda para o outro lado do riacho, diziam os impertinentes.

Mas não vai ser um repuxo qualquer, respondeu sua Majestade, vai ser um repuxo inclinado, a água vai de esguicho para o outro lado do riozinho, até as lampreias voam.....

Claro que o principado de que acabei de falar, nada tem de semelhante com Esposende.

Honi soit qui mal y pense!

Agustina Bessa Luís, recentemente falecida, escreveu que (passo a citar): *“A ironia procede do espírito de comparação; quando se compara, começa-se a julgar”*.

Grande Agustina!